

SANTIDADES IBÉRICAS: ENTRE O SAGRADO E O PROFANO

SANTIDADES IBÉRICAS: BETWEEN THE SACRED AND THE PROFANE

Renata Cristina de Sousa Nascimento*
renatacristinasc@gmail.com

RESUMO: Neste texto temos por objetivo apresentar elementos que contribuíram para a construção da noção de Ibéria Sagrada. Partindo das aproximações entre sagrado/profano, a mitificação deste espaço é resultado da presença e *inventio* de relíquias dos santos, e de objetos relacionados à história cristã. No contexto medieval os vestígios sagrados serviram como fator de atração, e de valorização de reinos e cidades. As relíquias são evocadas como produtoras de memória, que validam um passado de excepcionalidade, solidificando os lugares santos e os personagens memoráveis que constituem a identidade da região.

PALAVRAS-CHAVE: Santidade, Relíquias, Sacralidade.

ABSTRACT: In this text we aim to present elements that contributed to the construction of the notion of Sacred Iberia. Starting from the approaches between sacred/profane, the mythification of this space is the result of the presence and invention of relics of the saints, and of objects related to Christian history. In the medieval context the sacred vestiges served as a factor of attraction, and of valorization of kingdoms and cities. The relics are evoked as memory producers, which validate a past of exceptionalism, solidifying the holy places and the memorable characters that constitute the identity of the region.

KEYWORDS: Holiness, Relics, Sacred.

A sacralização territorial, entendida aqui em perspectiva simbólica, se refere à construção de uma memória que liga a presença de vestígios e de personagens ilustres a uma determinada região. A mitificação do espaço geográfico, no sentido em que pretendemos abordar, revalorizou e santificou a história e identidade cristã da *Hispania*. Discurso legitimador, que acentuou-se à medida que a colonização da América produziu a necessidade de imposição da religiosidade cristã, e legitimação da autoridade do colonizador. Outro (s) aspecto fundamental compreendeu as disputas entre os países europeus, por uma posição político-religiosa de superioridade frente a seus concorrentes. Neste texto temos por objetivo uma análise de elementos advindos do contexto medieval, que contribuíram para a projeção da ideia de uma Ibéria Sagrada, por possuir em seu território relíquias de Cristo e dos santos. Esses valores baseados na religiosidade trouxeram

* Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Participante do NEMED (Núcleo de Estudos Mediterrânicos- UFPR). Professora da Universidade Federal de Goiás (UFG), da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (Mestrado em História).

em seu bojo uma mistura entre sagrado e profano, pois a importância de uma localidade era medida pela posse de algo considerado sobrenatural, sublime.

O próprio conceito de sagrado incorpora uma enorme complexidade, pois fundamenta-se na ideia de que existe algo maior, misterioso, distante do que é comum (profano). Conforme Dominique Iogna-Prat (2016), a Igreja medieval autoproclamou-se também como instância de poder, legitimadora do que é ou não sagrado, santo. “Es sagrado aquello que ha sido consagrado por la mediación de la institución.” (2016, p.15). O cristianismo supõe a transformação/ transmutação da categoria dos homens e dos bens pela consagração. Este estado de santidade garantia notoriedade e distinção. A visibilidade da presença de Deus na terra esteve associada a lugares e objetos, sendo estas as relíquias de maior prestígio. Também corpos e restos de mártires/santos eram formas concretas da existência real destes homens, considerados pelos devotos como heróis da fé. O controle da proliferação dos vestígios santos, as falsificações, roubos e abusos de toda ordem apresentaram-se como um grande desafio à instituição detentora da sacralidade. As celebrações, e os rituais cada vez mais elaborados necessitavam de objetos que apresentassem aos crentes a grandiosidade da fé cristã. No entanto, as interpretações oriundas da religiosidade popular, nem sempre estiveram sobre controle direto das autoridades eclesiásticas.

No contexto ibérico a *inventio* de restos corporais de santos, e de vestígios materiais associados à vida e paixão de Cristo, fez da região um celeiro de relíquias. As circunstâncias históricas da chegada das relíquias nem sempre são bem documentadas, mas seu simbolismo é indiscutível; estas serviram como fator de atração para peregrinos de toda cristandade, além de fomentarem a identidade cristã frente aos reinos muçulmanos presentes na Península. Dentre o universo de possibilidades de análise pretende-se aqui destacar alguns elementos simbólicos, que tiveram seu grau de importância atribuído e chancelado pela hierarquia eclesiástica. Para tanto dividimos nosso texto em três partes: 1- Sacralidades e Religiosidade Popular; 2-Vestígios da fé: O Sudário de Oviedo e a Cruz de Marmelar; 3-Santidades e milagres.

1- Sacralidades e Religiosidade Popular

Não é nossa intenção discutir aqui a dicotomia formada entre o que é religiosidade popular, e o que não é. O essencial é entender que existe uma forma de linguagem, e de

vivência religiosa, não necessariamente controlada pela instituição. A experiência vivida e as emoções, tão intensas em atos e ritos de natureza espiritual, supõem uma oportunidade de aproximação pessoal ao sagrado. A linguagem religiosa do povo tem vida própria, mesmo mediada pela ação do rito oficial. Nesta relação transcendente é fundamental a presença de objetos: “O mesmo crente exprimirá essa dependência e confiança no Poder Divino, encenando a sua experiência com uma medalha ao pescoço, um crucifixo em frente aos olhos, umas flores no nicho de Nossa Senhora...” (GAMEIRO, 1984, p.136) A proximidade física à essência da santidade produzia no crente uma devoção intensa. Damien Boquet & Pirosca Nagy (2015), estudiosos da história das sensibilidades na Idade Média, buscam discutir uma teologia das emoções; “La Bible est riche en émotions de toutes natures et de toutes intensités.” (2015, p. 22) A religião cristã tem por centralidade o amor e o sofrimento; Deus enviou seu único filho que sofreu por amor, afim de salvar a humanidade do pecado. Cristo sofreu e amou.

A espiritualidade presente entre o povo expressava-se de forma diversa, havendo em geral uma espécie de sincretismo mítico- religioso, necessitando sempre de um controle da Igreja. As formas espontâneas de devoção contribuíram para o aumento do número de santos e mártires que povoaram o universo cristão. As diferentes formas de compreensão da religiosidade estabelecida nem sempre foram consideradas perniciosas, pois seus protagonistas também se submetiam ao culto oficial, fazendo interpretações da doutrina recebida (NASCIMENTO, 2017).

Na pedagogia adotada havia lugar especial para a devoção aos santos e seus despojos, considerados representações palpáveis de sua existência terrena. Para tanto vários cultos alcançaram status privilegiado e foram conquistando adeptos, incentivados e promovidos por bispos, monges e pelo próprio papado. (NASCIMENTO, 2017, p. 43)

O medo da danação eterna, e a esperança do paraíso guiaram a devoção do homem medieval¹. Neste sentido era necessária uma aproximação mais concreta com a santidade. Esta afastaria a possibilidade da perdição, trazendo conforto e segurança ao coração do pecador, do peregrino em um mundo que não é o seu. O enorme sucesso do culto à

¹ Neste sistema do qual não se deve exagerar a eficácia, o poder do diabo permanece sob controle e a ameaça do inferno jamais vence sobre a esperança do paraíso. O pânico amedrontador da danação oprimiu ainda menos as populações medievais pelo fato de que as armas da salvação em geral o dissipam com a maior facilidade. (BASCHET, 2006, p 408)

reliquias é também resultado desta busca incessante, de interação com o divino. A produção e reprodução das imagens e de vestígios sacros ofereciam ao crente a “tactibilidade” da fé. Na guerra constante entre o bem e o mal era necessário estar ao lado de elementos concretos, que garantiam proteção contra as doenças, as intempéries climáticas, as guerras e toda sorte de malefícios. Portanto um local que possuísse estes objetos era santificado, abençoado e seguro. Buscando satisfazer este anseio cidades e regiões apossaram-se e redistribuíram em seu território restos corporais dos santos, e também fragmentos relacionados à paixão de Cristo. Um destes locais privilegiados pela proliferação de relíquias foi a Península Ibérica.

2- Vestígios da fé: O Sudário de Oviedo e a Cruz de Marmelar

Os fiéis acreditavam que as virtudes dos santos atuavam sobre as terras daqueles que guardavam suas relíquias, portanto possuir vestígios relacionados à história do próprio Cristo era algo almejado. Este desejo fez com que uma série de objetos, que tinham por origem teórica a Terra Santa fossem redistribuídos e venerados em todo o ocidente. Nas Astúrias, os usos políticos da santidade contribuíram para que esta região acumulasse uma grande quantidade de igrejas e de tesouros espirituais. Entre estes destacam-se a Arca Santa e o Sudário de Oviedo. Estes objetos sagrados se encontram ainda hoje na Câmara Santa, situada na Catedral de São Salvador, na cidade de Oviedo (Astúrias- Espanha). “La llamada actualmente Cámara Santa es un edificio anejado a la Catedral de Oviedo cuya función há sido muy discutida. Capilla palatina para unos, otros la consideran dedicada a relicario desde sus orígenes, o incluso oratório de los obispos ovetenses.” (ÁLVAREZ, 2017, p. 61) A historiografia atual² tem destacado que somente após o século XI, existem provas históricas da veneração de relíquias de prestígio em Oviedo. Até então o único grande centro peregrinatório de relevância da região localizava-se na cidade de Santiago de Compostela, na Galiza. Os reinos ibéricos, conscientes do prestígio que era conferido às relíquias, promoveram e incentivaram seu culto.

O simbolismo de Jerusalém seria revivido na Sé Ovetense, com a presença da Arca Santa, uma analogia à Arca da Aliança. A narrativa lendária refaz o trajeto da Arca, repleta de

² Ver: ÁLVAREZ, 2017

reliquias, de Jerusalém até Oviedo. Esse relicário reunia todos os elementos necessários para satisfazer a necessidade de promoção política e espiritual da região. Através de diferentes fontes, de origem diversa, é possível recuperar seu significado e valor. Na viagem realizada por Ambrosio de Morales, a serviço do rei Felipe II³ (1572), o autor celebra a Câmara Santa de Oviedo, “que es verdaderamente lo que suena su nombre, está con mucha dignidad y magestad devota... En médio arrimado à la baranda ...está la Santa Arca tan celebrada en nuestras Historias de España.”⁴ Entre os vestígios sagrados existentes na Arca destacam-se aqueles ligados à vida de Cristo (especialmente o Santo Sudário); da Virgem Maria; dos apóstolos; de personagens do Velho Testamento, e de diversos santos da cristandade. Esta coleção possuía valor inestimável para os fiéis.



Figura 1 - Arca Santa- Catedral de Oviedo

Dois personagens reais estão ligados às tradições referentes à Arca Santa, Afonso II, o Casto, que foi rei das Astúrias (791 a 842) e Afonso VI (1047-1109). O primeiro é considerado o responsável pela construção da Câmara Santa; e Afonso VI é o monarca presente na solenidade de abertura da Arca. A ata de abertura da Arca Santa de Oviedo é objeto de inúmeras discussões historiográficas. Segundo o documento ela teria ocorrido em 14 de março de 1075. A popularidade devocional à Arca e seus tesouros atingiu extremos, vinculado à sacralidade monárquica à posse de relíquias, fortalecendo seu prestígio e autoridade. Para além da sobrevivência das tradições é necessário observar como elas surgiram e se estabeleceram, daí à vinculação a um passado histórico. Este passado

³ Em 1572 o monarca o designou para realizar uma viagem pelos reinos de León, Galicia e Principado das Astúrias.

⁴ *Viagem de Ambrosio de Morales Por Orden Del Rey D. Phelipe II. A Los Reynos de Leon, Y Galicia, Y Principado De Asturias. Para reconhecer Las Reliquias de Santos, Sepulcros Reales, Y Libros manuscritos de las Catedrales, Y Monasterios.* Madrid: Antonio Marin, Año de 1765.

reinterpretado solidificou-se através de seus símbolos, elevando a região das Astúrias a um status de santidade diferenciado.

O reino de Portugal, na Idade Média, também possuía em seu interior um vasto e significativo conjunto de corpos e objetos sagrados. Uma fonte do século XVIII nos oferece um panorama interessante da distribuição de relíquias, que envolviam toda a extensão do território. Em Coimbra, grande número de mosteiros e igrejas sacralizaram a cidade, repleta de relíquias;

Poffue efa antiquiffima, e nobre Cidade hum thefouro riquiffimo de relíquias notáveis, efpecialmente no Convento de Santa Cruz, onde além dos veneráveis corpos dos Santos Martyres de Marrocos, chamados Berardo, Pedro, Acurfio, Adjuto, e Ottho, primícias, que a Religião Seráfica offerreco ao Ceo, e o corpo de S. Vidal, de Santa Comba, de S. Theotonio, do Santo Rey d. Affonfo Henriques, também conferfa relíquias da túnica inconfutil de Chrifto, da columna em que foy atado; da mefa em que ceou com feus Difeipulos; da pedra do fanto Sepulchro; da pedra fobre a qual chorou Chrifto Senhor noffo à vifta de Jerufalem, da terra, fobre que cahio feu preciofo fangue, quando fuou no Horto... (CASTRO, Tomo II, Parte III e IV, LXIII. p. 195)

Na narrativa é possível observar a quantidade de objetos relacionados à vida de Cristo, especialmente aqueles ligados a seus últimos dias. Dentre estes os fragmentos (lascas) considerados da verdadeira cruz tinham grande valor. Relíquias do Santo Lenho foram redistribuídas entre a cristandade, lembrando o sacrifício de Cristo pela humanidade. Em Portugal as manifestações do Culto da Paixão e da Santa Vera Cruz é um fenômeno antigo e de longa duração. O sagrado madeiro era invocado mais intensamente nas festas de Invenção e Exaltação da cruz. A festa em sua liturgia simbolizava a vitória de Cristo sobre as trevas. Jacopo de Varazze (2003, p. 767) diz que “a Exaltação da Santa Cruz é assim chamada porque neste dia a fé e a Santa Cruz foram especialmente exaltadas.” Também contextualiza o momento em que esta foi levada de Jerusalém pelo rei da Pérsia Cosroês, em 615. Heráclio, Imperador de Constantinopla, recuperou a cidade e o santo objeto; “Heráclio levou a preciosa madeira da Cruz para Jerusalém e depois para Constantinopla. Isso pode ser lido em muitas crônicas.”(Idem, p. 767)

Relicários que continham o madeiro atribuído à cruz eram venerados amplamente, e também serviram como fatores de atração e proteção simbólica para reinos e regiões. A presença do Santo Lenho na Freguesia de Marmelar (Portel) contribuiu para o crescimento do local; “Na Freguezia da Vera cruz de Marmelal, que fica no termo defta Villa, he venerada

huma notabiliffima, e milagrofa relíquia do Santo Lenho.” CASTRO, Tomo II. Parte III e IV, LXIII. p 217) A proliferação de relíquias no reino português incentivou a criação de espaços especiais, que teriam prestígio diferenciado por sua sacralidade. Este símbolo da paixão de Cristo chegou a Vera Cruz de Marmelar no século XIII, contribuindo para sua ocupação demográfica e econômica. A relíquia esteve sob a guarda da Ordem do Hospital. No ano de 1268 os hospitalários se estabeleceram também nas fronteiras alentejanas, e em 1271 D. João de Aboim concedeu a Ordem o padroado da Igreja de Santa Maria de Portel, e de todas as igrejas do termo da referida localidade⁵. Objeto de disputas entre as famílias nobiliárquicas que gravitavam ao redor da ordem hospitalária, o Santo Lenho de Marmelar foi protagonista nas narrativas sobre a Batalha do Salado em 1340. A partir do século XIV o objeto foi dividido entre o Mosteiro de Marmelar e a Sé de Évora. “O Lenho foi guardado em um relicário de prata, mandado fazer pelo Condestável Nuno Álvares Pereira. Este foi objeto de devoção, peregrinação e povoamento para a região alentejana”. (Nascimento, 2016)



Figura 2 - Fragmento da Relíquia do Santo Lenho- (Igreja de Vera Cruz de Marmelar)

3- Santidades e Milagres

As hagiografias promoveram o ideal de santidade a ser almejado pelos fiéis, destacando pessoas especiais, que derrotaram a morte entregando-se a ela. Múltiplos atributos legitimavam sua superioridade espiritual. A memória solidificada em um passado

⁵ Documento referido em FONSECA; COSTA; LENCART (2013, p. 55)

de piedade e sacrifício garantia sua exemplaridade, evocando homens e mulheres como heróis da fé. Um mosaico de santos compunha o universo religioso ibérico na Idade Média, envolvendo devoções de origens várias e de longa duração. Intercessores privilegiados junto à divindade, os mártires foram os primeiros alvos de santificação. A memória escrita e a iconografia exaltaram personagens diversos, revestindo-os de sacralidade. Coleções hagiográficas e litúrgicas refletem (ainda hoje), tentativas bem sucedidas de imposição de culto e de rituais que acompanhavam as devoções. O *Pasionario Hispánico* (século X) e o *Agiologio Lusitano* (que tiveram seus três primeiros volumes impressos no século XVII) são exemplos bem sucedidos de coleções, que tentaram atribuir territorialidade a diversos santos. Impulsionados por interesses amplos a exaltação de santidades territoriais de origem hispânica e/ou portuguesa, colaboraram na invenção de uma tradição. Na época moderna as rivalidades entre Espanha e Portugal, e entre estes e o restante da Europa, também foram permeadas por disputas pela posse, e quantidade de santos.

Como é sabido a par das traduções da produção histórica da Antiguidade clássica, a historiografia foi um dos gêneros que conheceu uma grande fortuna, a partir dos alvares do Renascimento. De um modo geral, estes textos procuravam, cada um a seu modo, mostrar o contraste entre Portugal- e no caso espanhol registra-se o mesmo- e outros reinos europeus, sublinhando e insistindo, sobretudo, na sua missão evangélica e militante, no que respeita à defesa da fé católica, que lhe asseguraria um estatuto especial, enquanto *Republica christiana*. (MENDES, 2016, p. 78)

Reinos e cidades passaram a reivindicar status especial por possuírem relíquias, ou por serem berços do nascimento de santos. O reino de León, por razões políticas específicas, patrocinou o traslado dos restos mortais de São Isidoro; de Sevilha a León. Exemplo já explorado exaustivamente pela historiografia, mas que não deixa de ser emblemático. Dotando o reino de relíquias sagradas, León tornou-se um legítimo centro político do espaço ibérico. Intenções várias, que exaltaram e recriaram um passado histórico glorioso para León, vinculando-o aos restos mortais de um santo de grande prestígio. No início do século XIII Don Lucas de Túy, à época canônico do cabildo isidoriano, redigiu o *Libro de los Milagros de San Isidoro*, que “fue lectura muy estimada durante la Edad Media, incluso por lectores régios, como nos consta de Juan II, de Isabel la Católica y del cardenal Cisneros, quienes se apropiaron del manuscrito original, que les habían prestado los canónicos de la Colegiata.” (GONZÁLEZ, 1992, p. 8). Este conhecido Livro de Milagres destaca vários prodígios realizados pelo santo, através de seus restos sagrados. No capítulo VII, cujo título é “Cómo entrando

por la ciudad de León el cuerpo de San Isidro sano a un hombre ciego”, temos a seguinte narrativa:

SI como el sagrado cuerpo del varón apostólico San Isidro entró por la ciudad de León, todo el Pueblo se alegró en mucha manera, dando loores a Dios por la merced grandísima que les hacía en darles cosa tan preciosa, y entre los otros había allí un ciego, que se decía Eusebio, el cual llevaba tanta fe, que no dudaba nada, sino que habría de sanar en llegando al santo cuerpo; y así como llegó y tocó en las andas en que venía el cuerpo santo, luego em aquel momento fué sano, y cobro la vista y claridade de sus ojos; y visto aquel milagro por el Pueblo, comenzaron todos a alabar a Dios con grandísimo placer, así que sonó muy claramente la voz de alegría y salud en la iglesia de los justos. Y este fué el primer milagro que nuestro Señor Jesucristo hizo delante de los leoneses por el su precioso confessor San Isidro, magnificando su gloria. (TUY, 1992. P. 13).

Percebe-se no relato a clara associação aos milagres realizados por Jesus Cristo, citados nos Evangelhos⁶, especialmente em Marcos 10: 46- 52; em que o cego Bartimeu, na saída de Jericó, ouvindo falar que Jesus passava começou a gritar: “Filho de Davi, Jesus tem compaixão de mim. E muitos o reprendiam para que se calasse. Ele, porém, gritava mais ainda: Filho de Davi tem compaixão de mim! Detendo-se Jesus disse: Chamai-o!” Conforme São Marcos a fé do homem cego era intensa, e teria este pedido a cura de sua enfermidade. “Jesus lhe disse: Vai, tua fé te salvou. No mesmo instante ele recuperou a vista e o seguia no caminho”. As estruturas discursivas que fundamentam os relatos hagiográficos ibéricos possuem uma estrutura relativamente uniforme, baseando-se em paradigmas bíblicos. O santo atua como intermediário, sendo Deus o realizador do prodígio, como no caso da narrativa do *Livro de Milagres de São Isidoro*. Os prodígios desempenhariam um relevante papel na vida espiritual do crente. Analisando casos diversos da hagiografia hispânica Guiance (2006), sintetiza que a utilização do milagre nas hagiografias não diz apenas sobre o santo biografado, e sim expressa a vontade do hagiógrafo, que possui uma interpretação própria do conceito de milagre. Esta noção do sagrado era específica de cada época, revelando uma visão de mundo.

Em Portugal os múltiplos atributos dos santos, e seus milagres, se remetem também à própria história do reino. Mito fundante, a memória histórica que envolve a Batalha de Ourique (1139), revela a carga emotiva e sobrenatural do auxílio divino. Na *Vita Theotonii* é possível identificar estes aspectos, destacando elementos discursivos

⁶ Também em Evangelho Segundo São João, Cap. 9

extraordinários: “Não há dúvida de que (Teotónio) assim fez (rezar pela vitória do rei) quando, no Campo de Ourique, derrotou cinco reis dos infiéis... ao que se conta isso deve-se ao auxílio divino que lhe foi prestado e ao patrocínio de S. Tiago cuja festa passava neste dia.”⁷ Associam-se também a este fato a aclamação de Afonso Henriques como monarca, por suas tropas. Outra batalha memorável, e mais tardia, foi a de Aljubarrota (1385), contra as forças castelhanas, em um momento extremamente complicado para o reino. Para além da participação do Rei de Boa Memória (D. João I), as ações do Condestável de Portugal Nuno Álvares Pereira foram, a posteriori, redimensionadas. Esse redimensionamento teve por função auxiliar na construção da santidade deste singular personagem. Na correlação político-religiosa, elevam-se as aproximações entre sagrado e profano, em mútua dependência. A reputação de santidade atribuída a D. Nuno Álvares Pereira, é uma construção que perpassa várias épocas, iniciando-se na *Crônica do Condestável de Portugal* (NASCIMENTO, 2018). Fusões bem sucedidas entre história de santidade/ história política serviram como fatores identitários e propagandísticos, revelando uma interdependência entre sacralidade e memória nacional. Tradições de longo alcance, cujo objetivo ligava-se à necessidade de exaltação e afirmação de um reino sobre os demais, buscando a chancela divina. Daí a projeção futura de heróis nacionais, que foram reconhecidos também como santos pela igreja, como no caso de Nuno Álvares, e de outros personagens hispânicos, como o rei de Leão e Castela Fernando III (1201- 1252). Inseridos na memória gloriosa do cristianismo, estes personagens sacralizaram a história de seus reinos e regiões.

Considerações finais

A posse de fragmentos sagrados, no contexto medieval, poderia fomentar a importância real e simbólica de um território. Estes vestígios eram reconhecidos pelos fiéis como portadores da graça e do poder divino, sendo considerados intermediários entre Deus e os homens. No ocidente cristão reinos rivalizavam entre si, procurando possuir o exclusivo das relíquias de destaque, especialmente àquelas ligadas aos santos notáveis e ao próprio Cristo. Tocar um corpo, beijar a relíquia sagrada, era, de algum modo, partilhar da aproximação e da comunhão de um corpo restituído na força que o sentimento simbólico lhe permitia (GOMES, 2009, p. 62). Construtores de memória, os santos representavam a

⁷ Documento citado em MATTOSO (2011, p. 162)

vitória do bem sobre o mal, da vida sobre a morte. A função simbólica dos fragmentos aproximava o homem comum de seu Deus.

A complexidade que envolve as relações entre sagrado/ profano reflete uma construção de longa duração. Combinação mista, que aproxima devoções baseadas em uma origem comum, herdeiras das religiosidades de matriz helênica. Estas influências sobreviveram à conversão, e posterior imposição do cristianismo enquanto única religião permitida. A consolidação da memória cristã é fortalecida em lugares e objetos. “Lo sagrado cristiano está concentrado en tiempos, lugares y hombres, que instauran un espacio fuera del espacio, que permite distinguir las esferas opuestas de lo sagrado y de lo profano, de delimitar las fronteras de la pertinência a la sociedad cristiana”. (IOGNA- PRAT, 2016, p. 15). Um passado de excepcionalidade seria mediado pela ação do transcendente, os poderes políticos desenvolveram a manipulação da memória, utilizando-se da simbologia cristã, para santificar suas ações e seu governo. Esta santificação ampliou-se para o espaço geográfico, desenvolvendo elementos que identificassem e marcassem a preponderância política e espiritual de um lugar. As relíquias sagradas serviram na delimitação destes espaços especiais, distintos. No caso ibérico, a posse de objetos sublimes como a Arca Santa e fragmentos atribuídos à verdadeira cruz, legitimaram a região como modelo de devoção. Outro destaque é a proliferação de narrativas hagiográficas que deram ao território uma verdadeira coleção de homens santos. Especialmente na era moderna, os usos do passado medieval serviram para legitimar as conquistas sobre novos territórios. Ligados à história nacional indivíduos considerados especiais foram inseridos (ao mesmo tempo) na memória religiosa, alcançando estatuto de santidade. “As concepções acerca dos poderes invisíveis tornaram-se, assim, um dos fundamentos da vida coletiva e das estratégias criadas para assegurar a sua reprodução.” (MATTOSO, 2001, p. 14)

No território peninsular a tradição herdada do período visigótico e moçárabe espalhou pelo território uma grande quantidade de corpos santos, e de objetos. Estes contribuíram para a idealização da presença de forças especiais, que garantiram a este espaço sua sacralidade diferenciada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁLVAREZ, R. A. (org). *La Cámara Santa De La Catedral de Oviedo Y Su Relicario*. Oviedo: CSIC, 2017.

_____; CONDE, F. J. F. Los catálogos de las Relíquias de la Catedral de Oviedo. *Territorio, Sociedad y Poder*. Revista de Estudios Medievales, n. 12, 2017, p. 55-81.

BASCHET, J. *A civilização feudal. Do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2013. (9ª impressão)

BOQUET, D.; NAGY, P. *Sensible Moyen Âge. Une histoire des émotions dans l' Occident médiéval*. Paris: Éditions Du Seuil, 2015.

CASTRO, J. B. C. *Mappa de Portugal Antigo, e Moderno*. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno. Tomo II. Parte III e IV, LXIII.

FONSECA, L. A.; COSTA, P. P.; LENCART, J. (Orgs) *A Comenda de Vera Cruz de Marmelar Corpus Documental (1258- 1640)*, Porto: Militarum Ordinum Analecta- Fontes para o Estudo das Ordens Religioso- Militares, 2013.

GAMEIRO, A. *Hipóteses sobre a integração subjectiva das religiosidades culta e popular. Análise psicossocial*. In: *Religiosidade Popular. Estudos Contemporâneos*. Porto: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1984. p. 129-140.

GOMES, S. Sagrados Monumentos, relíquias de mártires e de santos em Portugal. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Ano VIII, 2009, n. 15, p. 59-84.

GONZÁLEZ, A. V. Presentacion. In: TUY, L. *Milagros de San Isidoro*. León: Universidad de León/ Cátedra de San Isidoro, 1992.

GUIANCE, A. Milagros Y prodigios en la hagiografía altomedieval castellana. *História Revista*, vol. 11, n. 1, 2006, p. 17-44.

IOGNA-PRAT, D. *Construir lo sagrado y edificar la sociedad en el Occidente medieval (500-1500)*. In: *Construir lo sagrado en el Arte Medieval. Reliquia, espacio, imagen y rito*. Aguilar de Campoo (Palencia): CODEX AQVILARENSIS. 32, 2016.

MATTOSO, José. D. *Afonso Henriques*. Lisboa: Temas e Debates, 2011.

_____. *Poderes Invisíveis. O imaginário medieval*. Lisboa: Temas e Debates, 2001.

MENDES, P. A. Memória e identidade na construção da santidade territorial portuguesa e espanhola na época moderna. *Via Spiritus: Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, vol. 23 Porto: Faculdade de Letras, 2016, p. 69-94.

NASCIMENTO, R. C. S.; COSTA, P. P. *A visibilidade do sagrado: Relíquias cristãs na Idade Média*. Curitiba: Prismas, 2017.

NASCIMENTO, R. C. S. As relíquias cristãs e a apropriação simbólica do território. *Opsis*, v. 18, n. 1, 2018, p. 140-153.

_____. Do Condestável de Portugal a Nuno de Santa Maria: Elementos para a construção de um santo. *Revista Mirabilia*, n. 26, 2018/1 p. 1-13.

_____. A cristianização do espaço: O protagonismo da Vera Cruz em Marmela. *Revista Tempos Históricos*, vol. 20, 2016, p. 133-146.

ROSA, M. L. *Santos e demônios no Portugal Medieval*. Lisboa: Fio da Palavra, 2010.

TUY, L. *Milagros de San Isidoro*. León. Universidad de León/Cátedra de San Isidoro, 1992.

VARAZZE. Jacopo de. *Legenda Áurea. Vidas de Santos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Viagem de Ambrosio de Morales Por Orden Del Rey D. Phelipe II. A Los Reynos de Leon, Y Galicia, Y Principado De Asturias. Para reconhecer Las Reliquias de Santos, Sepulcros Reales, Y Libros manuscritos de las Cathedrales, Y Monafterios. Madrid: Antonio Marin, Año de 1765.